



Recebido em: 16/10/2023

Aprovado em: 21/12/2023

Publicado em: 29/12/2023

## UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA DO MONUMENTO DOS RETIRANTES DE ABELARDO DA HORA

### A HEIDEGGERIAN ANALYSIS OF THE MONUMENT OF RETREATS FROM ABELARD OF THE HOUR

### HEIDEGGERIA ANALISO DE LA MONUMENTO DE LA RETIROJ DE ABELARDO DE HORA

Pablo Gabriel III Mendoza Rojas<sup>17</sup>

#### Resumo

O filósofo Martin Heidegger, em sua obra *A Origem da Obra de Arte* (1950), utiliza seu olhar fenomenológico e seu repertório conceitual para analisar obras de arte. O objetivo do artigo é usar esse repertório conceitual legado pelo filósofo alemão para analisar o Monumento dos Retirantes, monumento feito pelo artista pernambucano Abelardo da Hora e que fica localizado no Parque Dona Lindu em Recife. O artigo pretende abordar os conceitos de ser-no-mundo e mundo que Heidegger apresenta em *Ser e Tempo* (1927), passa pela apresentação do que seria sua visão da obra de arte enquanto uma disputa entre mundo e terra e palco da verdade e encerra o artigo concluindo que este arcabouço conceitual legado por Martin Heidegger nos ajuda a analisar a obra de arte do artista recifense Abelardo da Hora. O filósofo alemão Martin Heidegger, em sua obra *A Origem da Obra de Arte* (1950), não analisa a obra de nenhum brasileiro, mas fornece uma base conceitual para pensarmos a obra deste grande artista brasileiro e pernambucano que é Abelardo da Hora. A obra de arte erige um mundo na terra. No caso da obra de arte de Abelardo da Hora, o que se erige é o mundo histórico dos retirantes, figuras sofridas e batalhadoras que vieram do sertão nordestino em busca de uma vida melhor.

**Palavras-chaves:** Arte. Mundo. Verdade.

#### Abstract

The philosopher Martin Heidegger, in his work *The Origin of the Work of Art* (1950), uses his phenomenological look and his conceptual arsenal to analyze works of art. The objective of this article is to use this conceptual arsenal bequeathed by the German philosopher to analyze the Monument of the Retirantes, a monument made by the Pernambuco artist Abelardo da Hora and located in Dona Lindu Park in Recife. The article is divided into the following moments: it addresses the concepts of being-in-the-

---

<sup>17</sup> Graduando em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Participante do Grupo de Estudos Heidegger e do projeto Residência Pedagógica (RP). Tenho interesse por fenomenologia e história da filosofia contemporânea no geral. E-mail: panda42brasil@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0571-5552>.



world and world that Heidegger presents in *Being and Time* (1927), it goes through the presentation of what would be his vision of the work of art as a dispute between world and earth and stage of truth and ends the article concluding that this conceptual framework bequeathed by Martin Heidegger helps us to analyze the work of art of the Recife sculptor Abelardo da Hora. The German philosopher Martin Heidegger, in his work *The Origin of the Work of Art* (1950), does not analyze the work of any Brazilian, but provides a conceptual basis for thinking about the work of this great Brazilian and Pernambuco artist that is Abelardo da Hora. The statue of the migrants erects a world on earth, the historical world of the migrants, suffering and struggling figures who came from the northeastern hinterland in search of a better life.

**Keywords:** Art. World. True.

### Resumo

La filozofisto Martin Heidegger, en sia verko *The Origin of the Art Work of Art* (1950), uzas sian fenomenologian perspektivon kaj koncipan repertuaron por analizi artaĵojn. La celo de la artikolo estas uzi ĉi tiun koncipan repertuaron testamentitan de la germana filozofisto por analizi la Monumento dos Retirantes, monumento farita de la pernambuka artisto Abelardo da Hora kaj situanta en la parko Dona Lindu en Recife. La artikolo intencas trakti la konceptojn de esti-en-la-mondo kaj mondo kiujn Heidegger prezentas en *Being and Time* (1927), trairas la prezenton de kio estus lia vizio de la artverko kiel disputo inter mondo kaj tero. kaj la stadio de la vero kaj finas la artikolon konkludante, ke tiu ĉi koncepta kadro testamentita de Martin Heidegger helpas nin analizi la artverkon de recife-artisto Abelardo da Hora. La germana filozofisto Martin Heidegger, en sia verko *La origino de la artverko* (1950), ne analizas la verkon de iu brazilano, sed disponigas koncipan bazon por pensi pri la laboro de tiu granda brazila kaj pernambuka artisto, Abelardo da Hora. . La artverko konstruas mondon sur la tero. En la kazo de la artverko de Abelardo da Hora, kio aperas estas la historia mondo de retiriĝantoj, suferantaj kaj luktantaj figuroj, kiuj venis el la nordorienta landinterno serĉante pli bonan vivon.

**Ŝlosilvortoj:** Arto. Mondo. Vera.

### INTRODUÇÃO

Pretendo neste artigo usar o pensamento do filósofo Martin Heidegger para analisar a obra Monumento dos Retirantes de Abelardo da Hora. Abelardo foi um escultor, desenhista, gravador e ceramista brasileiro, além de grande ativista político. Ficou conhecido por retratar as mulheres e os temas regionais do Nordeste. Se destacando como um dos maiores escultores do século XX em Pernambuco. Creio ser importante trazer uma apresentação de quem foi Abelardo, uma vez que o escultor busca trazer à tona o mundo do habitante do nordeste em suas produções, mundo este no qual o autor está inserido.



O filósofo alemão Heidegger na obra *A Origem da Obra de Arte* (1950) se utiliza do seu olhar fenomenológico e do seu arsenal conceitual para analisar as obras de artes. O centro da empreitada filosófica de Martin Heidegger em *A Origem da Obra de Arte* não é o artista genial ou a percepção estética do sujeito que contempla a obra numa galeria, mas a própria obra de arte. Ocorre o afastamento de uma concepção subjetivista moderna que pensa a obra de arte como uma relação entre sujeito e objeto. A crítica que Heidegger faz a esse modo de pensar a obra de arte enquanto um mero objeto que um sujeito contempla é a seguinte. Cito comentador:

Fenômeno que reduz a obra de arte a mero objeto da vivência, de forma que o sujeito se torna o centro do qual é derivado o seu sentido mais fundamental. O que suscita diversas críticas, pois, visto sob um ângulo ontologicamente mais fundamental, o homem ao transformar a obra de arte em objeto a ser analisado e determinado em sua totalidade perde o que ali há essencial: a polissemia de um mundo, o constitutivo jogo de doação e recusa de sentidos que ela é em seu estar a ser. (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2021, p.317).

Compreendemos que a arte não é um objeto criado por um gênio artístico para ser contemplado numa galeria por um sujeito, mas afinal o que seria arte para Martin Heidegger? Podemos responder que a definição de arte pensada pelo filósofo alemão é a seguinte, conforme aponta o comentador:

A arte é o acontecer da verdade na figura. Acontecer que se dá diante de quem a contempla e somente assim. Como levantar de um mundo elaborado na terra, ela revela um mistério anterior e antes ignorado de modo a não poder mais ser compreendida como mera criação de um gênio artístico. (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2021, p.11).

A obra de arte na concepção do filósofo Martin Heidegger acaba sendo palco de dois acontecimentos: 1.O acontecimento da verdade, verdade aqui entendida como aletheia: desvelamento; 2.O acontecimento da disputa entre mundo e terra. Acontecimentos estes que serão abordados ao longo do artigo. O objetivo do artigo é usar esse repertório conceitual legado pelo filósofo alemão para analisar o *Monumento dos Retirantes*, monumento feito pelo artista pernambucano Abelardo da Hora e que fica localizado no Parque Dona Lindu em Recife. Também aproveito para mencionar a obra *Os Retirantes* de Candido Portinari por esta compartilhar do mesmo mundo temático da de Abelardo. Ao longo do artigo apresento conceitos usados pelo filósofo



em sua análise sobre a obra de arte e concluiu que este arcabouço conceitual legado por Martin Heidegger nos ajuda a analisar a obra de arte do escultor recifense Abelardo da Hora.

## UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA DO MONUMENTO DOS RETIRANTES



Monumento aos Retirantes de Abelardo da Hora (2022).

O Monumento dos Retirantes fica localizado no Parque Dona Lindu. Menciono o nome do local em que a obra está instalada para destacar que há um motivo para ela estar neste local: o monumento é uma forma de homenagear à mãe do Presidente Lula, conhecida popularmente como Dona Lindu, uma mulher que saiu de Caetés, no interior de Pernambuco, para São Paulo levando com ela os oito filhos. A ideia do monumento é retratar o dilema dos retirantes nordestinos, obrigados a deixar a terra em direção ao Sudeste, em busca de emprego e melhores condições de vida. Retirante é um termo que se refere à pessoa que abandonavam a sua terra devido à seca e a miséria em busca de uma localidade que lhe fornecesse melhores condições de vida. Um termo popularmente usado para se referir a nordestinos que migravam para as grandes cidades do Sul e



Sudeste brasileiro fugindo das secas. Abelardo busca esculpir na pedra estes retirantes nordestinos.

A obra de arte para Martin Heidegger tem a capacidade de erigir um mundo. A obra de Abelardo que estou abordando erige o mundo do retirante nordestino, mas afinal o que seria mundo? A obra de arte erige um mundo. A obra de Abelardo da Hora em especial erige o mundo do retirante. Mas o que é mundo? Mundo (*Welt*) é uma rede referencial de significância. É um contexto referencial de significação. No mundo, o Dasein se ocupa junto aos entes no modo da familiaridade com eles. O que seria o Dasein? O Dasein é o ente que nós mesmos somos e que está no mundo num sentido existencial. Ser-no-mundo é uma constituição fundamental do Dasein, cito Martin Heidegger “ser-no-mundo é uma constituição fundamental do Dasein, na qual ele se move não só em geral, mas principalmente no modus da cotidianidade [...]” (HEIDEGGER, 2012, p.187).

Um exemplo da questão do mundo enquanto contexto conjuntural é o instrumento que é manuseado num mundo público. Este instrumento pode ser manuseado porque pertence a um contexto conjuntural que é o mundo. Os utensílios não são coisas isoladas, mas dependem de um caráter referencial. O mundo é isto: uma pura relação de significatividade, este mundo transcende os entes intramundanos e é a condição pela qual o ente intramundano pode se apresentar, por exemplo, como utensílio para o Dasein. O mundo não é composto de meros objetos sem significado. Heidegger destaca que o mundo “não é a simples reunião das coisas existentes, contáveis ou incontáveis, conhecidas ou desconhecidas” (HEIDEGGER, 2007, p.35). O mundo não é composto de meros utilizáveis ou de uma simples reunião das coisas existentes, mas de remissões. O Dasein se descobre ao lidar com as coisas numa rede de remissões na qual uma coisa remete a outra. Mundo é um emaranhado de fios que conecta tudo. Entes tão diferentes entre si podem se remeter numa unidade chamada mundo.

O mundo não é algo meramente presente que o Dasein cobre de sentido. Sentido é a constituição mais íntima do que é mundo. Desmundanizando sua relação com o mundo, o mundo aparece como um conjunto de meras coisas materiais. A mundanidade entra como o ser do mundo e ela varia dentro das diversas formas de apreensão do



mundo. Mundanidade é um “conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2012, p.199). O conceito de mundo tem a ver com essa teia de relações, relações nas quais o Dasein é essencialmente abertura. O Dasein é um estar lançado no mundo, essa relação com o mundo é constitutiva do Dasein.

Um sinal de que vemos nessa obra que um mundo está a ser erigido é o saco em cima da cabeça da mulher que é provavelmente a mãe das crianças. Este ente que é o saco está inserido no mundo (mundo aqui entendido como totalidade de significância) dos retirantes que tinham que abandonar o sertão e colocavam seus poucos pertences dentro desse saco antes de embarcarem no pau de arara. O retirante lida com um ente que é o saco no qual coloca outros entes. Ele somente consegue compreender o ser desse ente e dos demais porque está inserido num mundo que é um horizonte de significância compartilhado não só por eles, mas pelos outros que habitavam o árido sertão nordestino e agora embarcam no pau de arara em busca de um destino melhor. Se não houvesse mundo só haveriam meros utilizáveis. O mundo é o que permite que o retirante compreenda o ser desses entes que ele utiliza. No caso específico da obra de Abelardo falamos do saco em que ele leva suas coisas, mas podemos citar outros itens como a enxada ou o facão.

Podemos ver essa representação do mundo do retirante em outra obra. Aqui reproduzo a obra Os Retirantes de Candido Portinari:



Os Retirantes de Candido Portinari. Acervo: site do MASP.

O Dasein que passe no Parque Dona Lindu em Recife e pare para olhar o Monumento dos Retirantes irá presenciar a irrupção de um mundo na terra: o mundo dos retirantes. Mundo este que Abelardo da Hora busca trazer na pedra. Ele também irá presenciar neste processo o pôr se em obra da verdade, aqui entendida como alétheia: desvelamento do ser. Aproveito aqui para discorrer sobre a concepção de verdade enquanto desvelamento que o filósofo alemão traz. Heidegger não está desenvolvendo uma noção de verdade como adequação, mas uma noção da verdade como desvelamento do ser. Ele opta pelo termo desvelamento pelo seguinte motivo:

Heidegger prefere o uso do termo desvelamento (*Unverborgenheit*). Primeiro, porque o desvelamento deixa subentendido que há algo encoberto. Segundo, o des-velamento – com ênfase no prefixo des – considera a verdade essencialmente conflitante e a ser conquistada na luta, na retirada brusca do ente do velamento. Terceiro, por este termo entende-se que há um jogo de opostos (SIQUEIRA, 2014, p.9).

Dentro disso ele realiza um gesto de retomar a noção de verdade apresentada por Parmênides em seu poema Da Natureza. No segundo fragmento do poema a deusa apresenta os caminhos e diz:



Ora, pois, te direi – e tu, que escutas, recebe meu relato – quais são os únicos caminhos de investigação que há para pensar. Um, por outro lado, <para pensar> que “é”, e que não é possível não ser; é o caminho da persuasão, pois acompanha a verdade (PARMÊNIDES, 2002, p.226).

A deusa apresenta a noção de que o único caminho que leva a verdade é o caminho do ser. Desde o poema de Parmênides verificamos a apresentação de uma noção de verdade em que ser e verdade estão entrelaçados. A obra de arte faz aparecer essa verdade. Podemos colocar que “a essência da arte é o acontecer da verdade entendida como desvelamento e concomitante velamento do ser” (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2022, p.10). Conforme afirmado por Martin Heidegger (2007, p.30): “A obra de arte abre à sua maneira o ser do ente. Na obra, acontece esta abertura, a saber, o desocultar, ou seja, a verdade do ente. Na obra de arte, a verdade do ente pôs-se em obra na obra. A arte é o pôs-se-em-obra da verdade”. O que Heidegger faz nesse processo é deslocar a arte “da estética, do sensível, para a abertura da verdade (aletheia) de um mundo elaborado na terra que se dá no traço que os une na manifestação da figura” (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2022, p.10).

Podemos também colocar que há um combate entre o aparecimento da verdade e seu ocultamento: o acontecer do ente se dá em um determinado modo de compreensão do ser, no qual no próprio aparecer acontece um concomitante ocultamento. Há um combate entre clareira e encobrimento, cito Martin Heidegger: “a verdade acontece como o combate original entre clareira e ocultação” (HEIDEGGER, 2007, p.44). Esse combate acontece na obra, na qual a verdade está em obra. Conforme afirma o pensador da floresta negra: “Ao instituir um mundo e ao produzir a terra, a obra é o travar desse combate no qual se disputa desocultação do ente na sua totalidade, a verdade” (HEIDEGGER, 2007, p.44). Discorre Heidegger que “o ser que se oculta clareia-se. O clareado desta natureza na obra é o belo. A beleza é um modo como a verdade enquanto desocultação advém” (HEIDEGGER, 2007, p.45). O que Heidegger faz com sua análise é retirar “o belo da estética, deslocando-o para o âmbito ontológico. A beleza, assim, deixa de ser caracterizada pelo prazer causado na sensibilidade do contemplador para se tornar uma abertura (Eröffnen) de conexões de um mundo elaborado na terra” (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2022, p.8).



No caso da obra de Abelardo irá presenciar o desvelamento do ser dos entes inseridos na totalidade de significância dos retirantes. Ele irá presenciar esse desvelamento quando parar para olhar o saco que a mulher carrega em sua casa. E o que Abelardo da Hora faz enquanto artista é o seguinte: colocar em obra a verdade do ser e colocar em obra a disputa entre mundo e terra na qual há uma elevação mútua e o aparecimento do mundo dos retirantes.

A obra de arte é um espaço no qual se coloca um mundo e se ara uma terra, conforme disse anteriormente. Esses dois âmbitos são distintos, mas estão entrelaçados. O mundo do retirante funda-se na terra e a terra irrompe pelo mundo do retirante que está a ser representado na estátua de Abelardo. Travam um combate no qual não há destruição ou um xeque-mate final, porém, elevação mútua. A obra faz surgir e mantém aberto um mundo que repousa sobre e na terra. Mundo, conceito que abordei anteriormente, significa um horizonte de significância no qual o Dasein se defronta. A obra ergue e mantém um mundo. Enquanto a obra abre um mundo, ela também, ao mesmo tempo, elabora a terra. Cito Martin Heidegger (2007, p.36): “Na medida em que a obra instala um mundo, produz a terra. O produzir deve aqui pensar-se em sentido rigoroso. A obra move a própria terra para o aberto de um mundo e nele a mantém. A obra deixa que a terra seja terra”. Heidegger coloca que a colocação de um mundo e a produção da terra constituem dois traços essenciais da obra de arte. Esses conceitos estão ligados nessa unidade que é a obra. A obra de arte pode ser pensada enquanto um espaço no qual se coloca um determinado mundo e se ara uma terra. O processo que ocorre no colocar-se em obra da obra é o seguinte “o mundo se levanta na terra. A terra se elabora deixando ver um mundo. Um não elimina o outro em sua luta, mas ambos coabitam formando uma unidade diferenciada” (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2022, p.7). Mundo e terra travam um combate no qual não há destruição ou distúrbio, porém, elevação mútua. O pensador alemão define esse combate entre mundo e terra da seguinte maneira:

Na medida em que a obra institui um mundo e produz a terra, é a instigação deste combate. Mas tal combate não acontece para que a obra esmague e aplane o combate, numa concórdia insípida, mas sim para que o combate permaneça o combate. Ao instituir um mundo e ao produzir a terra, a obra realiza este combate. O ser-obra da obra



consiste no disputar do combate entre mundo e terra (HEIDEGGER, 2007, p.39).

Em síntese, a análise da obra de Abelardo da Hora à luz da filosofia de Martin Heidegger demonstra a capacidade da obra de arte em erigir um mundo e arar a terra. O conceito de mundo como uma rede referencial de significância e a noção heideggeriana da verdade como desvelamento podem ser muito bem usados para analisar a obra do artista pernambucano conforme vimos ao longo deste artigo.

## CONCLUSÃO

O filósofo alemão Martin Heidegger tem um recorte bem delimitado dos exemplos que usa para pensar a questão da arte. Seus exemplos na obra *A Origem da Obra de Arte* (1950) são O par de sapatos de Van Gogh, o templo grego, a poesia de Hölderlin e o poema *A Fonte Romana* de C.F Meyer. Ele não analisa a obra de nenhum brasileiro sequer, mas ao mesmo tempo fornece uma base conceitual para pensarmos a obra deste grande artista brasileiro e pernambucano que é Abelardo da Hora. Permite que compreendamos que a estátua dos retirantes erige um mundo na terra. Erige o mundo histórico dos retirantes, figuras sofridas e batalhadoras que vieram do sertão nordestino em busca de uma vida melhor. Retirantes que vieram carregando um saco em que colocavam suas poucas coisas, este saco carregado na cabeça da mulher retratada na estátua faz parte da totalidade de significância na qual o retirante está inserido e o ser deste ente, o saco, é retratado no monumento. Assim a obra é o palco do duelo entre mundo e terra e o palco da verdade, verdade entendida como desocultamento do ser. Podemos concluir que “o que a arte é para Heidegger o é através de tal duelo. Duelo mediante o qual irrompe o acontecer da verdade, isto é, o desvelamento (o levantar de um mundo) e concomitante velamento do ser (o perpétuo recusar-se de sentidos que repousam na terra) [...]” (ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, 2022, p.7). Em suma, a filosofia da arte de Martin Heidegger nos convida a pensar a obra de arte não como um objeto criado por um gênio artístico que será contemplado por um sujeito numa galeria, mas como um palco em que aparece mundo, terra e verdade. Pudemos conferir ao longo do artigo que essas questões que Heidegger coloca podem ser visualizadas no Monumento dos Retirantes, como destaquei ao longo deste texto. Cito aqui um



comentário breve de Daniel da Hora no qual ele evidencia a capacidade de Abelardo erigir um mundo na terra:

Da terra retira-se o barro. A partir dele, começam a aparecer as formas indicias, o contorno mais evidente, o volume preciso e a figura definitiva. Da terra, retira-se o gesso, que cobre a forma acabada em barro para se criar o molde, o casulo da obra. Da terra, forja-se o concreto, elemento heterogêneo que vai encher de vida, e dar peso e massa à obra pensada inicialmente. Da terra, retira-se toda a inspiração e histórias que vão povoar o imaginário do artista. Sua terra, sua gente e suas raízes vão, desde sempre, formar a essência de sua arte (HORA, 2022).

Abelardo é este grande artista pernambucano que realizou neste monumento a proeza de nós irromper do cotidiano ao abrir um outro mundo: o mundo dos retirantes.

## REFERÊNCIAS

ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, L. A crítica de Heidegger à estética em A origem da obra de arte (Der Ursprung des kunstwerkes, 1936). **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 301–319, 2021. Acesso em: 20 mai. 2022.

ALVES DOS SANTOS RIBEIRO, L. Arte e verdade no pensamento de Martin Heidegger: a caminho da origem da obra de arte. **Sofia**, Espírito Santo, Brasil, v. 11, n. 2, p. e11239087, 2022. Acesso em: 20 mai. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Coimbra: Edições 70, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas: Unicamp, 2012.

HORA, Daniel. **Memorial Abelardo da Hora. Texto Curatorial**. João Pessoa, 2022.  
SIQUEIRA, A. C. de A. Verdade como desvelamento na filosofia de Martin Heidegger. **Intuitio**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 40–50, 2014.

HORA, Abelardo. **Monumento dos Retirantes**. Disponível em: <https://www.pinterest.com.mx/pin/819795938389276720/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

PARMÊNIDES. **Da natureza**. Tradução: José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PORTINARI, Candido. **Os Retirantes**. Disponível em: [https://artsandculture.google.com/asset/northeasternmigrants/rwE\\_FvmjjW5QDg?hl=p-BR](https://artsandculture.google.com/asset/northeasternmigrants/rwE_FvmjjW5QDg?hl=p-BR). Acesso em: 20 mai. 2022.